

POESIA PORTUGUESA: UMA DÉCADA (1996-2006)

Ernesto Rodrigues
Universidade de Lisboa

Abstract: My aim in this article is to consider the Portuguese poetry of a decade (1996-2006), when names reappear born in the years 20. It is therefore a broader vision, which summarizes half a century of this practice in Portugal.

Keywords: Portuguese poetry (1996-2006).

Resumo: O meu objectivo neste artigo é considerar a poesia portuguesa de uma década (1996-2006), quando reaparecem nomes nascidos nos anos 20. Trata-se, assim, de uma visão mais vasta, que sintetiza meio século desta prática em Portugal.

Palavras-chave: Poesia portuguesa (1996-2006).

0. Poetas portugueses almoçam no Cantinho das Gáveas, pequeno restaurante do Bairro Alto, por iniciativa de Luís Amaro (1923). Estamos no Verão de 2003. Somos oito à mesa, mas interessa citar, respeitando idades, António Ramos Rosa (1924), João Rui de Sousa (1928) e Herberto Helder (1930). Noutras alturas, amesendava Eugénio Lisboa (1930). Reunir aqueles mosqueteiros não foi fácil. Se, com João Rui de Sousa, almoçávamos regularmente – no meu caso, até acompanhámos uma volta à ilha da Madeira em bicicleta –, Ramos Rosa era mais esquivo, por se encontrar numa casa de repouso, e Herberto só à tarde tomava o comboio de Cascais, onde vive, para ir até ao Largo Trindade Coelho: aí, entre copos, pontificava no seio de jornalistas e aprendizes. De súbito, estas tertúlias acabaram; e Luís Amaro, doente, também esqueceu o comboio da linha de Sintra, vendo-nos cada vez menos. Eis os nossos poetas mais velhos, a que juntarei um ignorado Edgar Carneiro (1913), inesperado José Blanc de Portugal (1914-2000), Fernando Guimarães (1928), Ana Hatherly (1929), Fernando Echevarría (1929), Albano Martins (1930).

Os mais novos nasceram à volta do 25 de Abril de 1974 – que em nada os influencia – e fazem a transição de século como promessas menos maduras do que sugerem as trombetas da Imprensa. Duvido que alcemem tão compassada e desafogadamente, mas devem jantar e entrar pela noite de Lisboa em grupúsculos gloriosos, com sede de reconhecimento, de que eles mesmos cuidam nas páginas dos jornais e nos blogues.

Entre estas duas gerações afastadas por seis decénios, há outras: uma que desembocará na Poesia 61, com muitos franco-atiradores à margem; e segunda – em que me incluo –, que começa a publicar nos anos 70, com o que isso significa de derivas.

Assim, falar da colheita da década é repassar a nossa lírica desde o pós-guerra, pois quer António Manuel Couto Viana (1923) quer Luís Amaro acabam de reeditar as estreias de 1948 (2004) e de 1949, respectivamente, este com um prefácio de Albano Nogueira, nos seus 94 anos, nome que assinou na *Presença...* E Couto Viana lembra, necessariamente, a *Távola Redonda* (1950-1954) e uma figura ilustre, com quem Luís Amaro trabalhou na revista *Colóquio/Letras*, cujo décimo aniversário da morte (1996) aproveitou para lembrar: trata-se de David Mourão-Ferreira. Ramos Rosa evoca, com alguns dos seus mais conhecidos poemas, os *Cadernos de Poesia* (II série, n.º 9, Setembro de 1951), de que tivemos reprodução fac-similada em 2004, o qual

igualmente colaborou, com autores ainda vivos que citarei – a par de mortos ilustres, como David, Sophia e Eugénio de Andrade –, na *Árvore: Folhas de Poesia* (1951-1953; edição fac-similada, 2003). Mas podíamos dizer que o mesmo Ramos Rosa esteve, com João Rui de Sousa, na revista *Cassiopeia* (1955).

Se quiséssemos recuar, veríamos que, de facto, esta década ressuscita o *tempo de Orfeu* (parafrazeando Alfredo Guisado, com nova edição em 2003), porquanto acaba de sair, pela mão de João Rui de Sousa, um conviva de Fernando Pessoa que nunca editara livro de versos – Mário Saa (1893-1971) –, cuja poesia contém traços do nosso modernismo, traços com que me identifico plenamente: ambiguidade e polissemia; relativismo; ironia; imprevisibilidade e ousadia; iconoclastia com visos niilistas; economia de meios; pulsão onírica e surrealizante. Autocitacional, Saa misturava arcaísmos, neologismos, vocábulos adulterados, insólitos – mesmo se gramaticalmente correctos. Releve-se um processo de migração textual, a soma de variantes, a acracia genológica (como dar soneto em 16 versos), iluminações à volta de Pessoa. Um nome a reconhecer, pois.

Cuidarei, por ordem se possível cronológica e com selecção de nomes, das gerações referidas. Segue lista de obras referidas ou aludidas. Apêndice inscreve os autores galardoados neste período com os principais prémios nacionais: o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, o Prémio do PEN Clube Português e o Prémio Dom Diniz, da Casa Mateus. Fora deste âmbito, mas tendo premiado António Ramos Rosa, Herberto Helder (que recusou) e Mário Cláudio, está o Prémio Fernando Pessoa. Sem indicação expressa, os prémios da Associação Portuguesa dos Críticos Literários também podem lembrar poetas: enquanto jurado do Prémio da Crítica, fui responsável pela atribuição deste à *Obra Poética. 1960-2000* de João Rui de Sousa (2002).

Defendo-me com estas listas – mais ou menos consensuais –, para poder falar de outros nomes pouco em voga, remetendo, quanto aos que não editaram neste lapso ou não vão além de rasgos, para o meu *Verso e Prosa de Novecentos* (2000).

Em quanto vou dizendo, escondo, também, experiências de poeta bissexto, que sou desde 1973.

1. Nome fundamental, no «silêncio perfeito» que o poeta deseja, generoso, elegante, sabem as figuras maiores das letras, e os lusófilos, quanto devem a Francisco Luís Amaro, nos últimos sessenta anos. Da sua atenção, e sacrifícios que nada paga, beneficiam inúmeros, pelo que não é fácil mostrar a importância de um poeta esquivo, para lá dos agradecimentos que vamos encontrando ao memorialista disperso e fragmentado historiador da literatura, das evocações amigas e das dedicatórias impressas, tantas de brasileiros, também dedicatários na soma final.

Nas *Líricas Portuguesas* (1958), Jorge de Sena deu-nos o poeta em «tom muito discreto e angustiado, que não chega ao confessionalismo e se mantém numa pessoal reserva quase solipsista e desencantada, em que a amargura de um ser isolado encontra notas muito puras, de uma bela musicalidade íntima». O pecúlio não era muito: 46 poemas de *Dádiva* (1949), produção de 1942-1949 em 100 páginas (agora, 1941-1949), alguns mais na revista *Árvore*, que Amaro co-fundara, um que outro inédito em livro. Exumado da *Seara Nova* (15-IV-1944), e corrigido, inseri em *O Escritor* (Lisboa, 7, Março de 1996), “Província” e, nunca editado, “Capital”, de 1941-1942 – que abre 2006 –, mais um passo «em procura da estrela / que há muito me fascinou». Este motivo retorna no intitulado “Dádiva”, com ligeira variante textual em 1975, quando sai *Diário Íntimo*, de subtítulo *Dádiva e Outros Poemas*, que se mantém nesta «2.^a edição, com prefácio de Albano Nogueira & testemunhos epistolares inéditos». António Ramos Rosa

(1991) viu Luís Amaro «entre o sonho e a dor» na sua «interioridade pura»; Fernando J. B. Martinho (1979) acentuou «o tratamento do tema da noite»; quem o visitar nas suas casas, e olhar as bibliotecas e quadros pelas paredes, perceberá as revisitações dos irmãos Saúl Dias e José Régio, deste, tutelar, escrevendo: «Na alta luz tão pura / dos versos que deixaste / procuro a voz que em mim, / informada, existe.» (p. 101)

Saltando do Alentejo para Trás-os-Montes, afim de Luís Amaro no voluntário esquecimento e na estrofação breve, citemos Edgar Carneiro, que se estreou em 1934 e só regressou em 1978, com *Poemas Trasmontanos*. Completa esta “Identidade” regional com a devoção ao mar de Espinho (onde vive). Epicurista, no prazer que a materialidade das coisas simples lhe facultam, reitera esse aspecto em *A Boca na Fonte* (1999) ou em *Depois de Amanhã* (2003), de um hedonismo elementar e delicada sensualidade: «Uma a uma cortei / do malmequer / as pétalas macias / não pra saber / se bem ou mal me queres / mas pra sentir nos dedos / a seda do teu corpo.» (“Malmequer”, 2003, p. 17) Comecem os interessados pela sua *Antologia Poética* (1998).

Ao contrário destes, António Ramos Rosa é todo conceito, uma extensão ensaística contaminando títulos sucessivos, que dificilmente abarcamos. Tem consciência disso: «Alguns dizem que eu escrevo de mais / como se tivesse escrito alguma coisa»; concluindo: «Dispersei-me na areia sem me apagar / e fui sempre uma sombra obstinada» (2001b, p. 35). Este escrever teórico atinge o auge em *As Palavras* (2001c). Sobressalta-nos, por isso, em artista-caleidoscópico, já um exercício de definição de pátria (1999), já a relação entre construtor e construção em fragmentos de contida prosa (2001a), ou a descrição de quadros sensuais em colecção de cordel (2002). Esta dispersão, que é disponibilidade, no assunto e nos meios veiculares – referirei a presteza com que, naquele almoço, Ramos Rosa nos presenteou com desenhos de traços lampejantes –, torna-o a encarnação da poesia.

Quanto a João Rui de Sousa, nítido e harmónico, reuniu 13 títulos em 2002, acrescentando nova súmula em 2005. Jorge de Sena (1958) considerou a «grande arte da metrificacão fluente, severidade da expressão irónica, viril secura no manejo das metáforas, e um moralismo áspero que nunca se concede a facilidade do protesto retórico». «Administra a tua razão / como um anjo louco» (“Cuidar da razão”, 2002, p. 480), podia ser a sua divisa. Dele, conheço singularidades que só um convívio regular informa: seja a busca matricial no espaço madeirense, donde era natural o pai (evidente em *Concisa Instrução aos Nautas*, 1999), seja a paixão pelo desporto, tendo-nos dado, por exemplo, mais uma Leonor camoniana preparando-se para o salto em altura (2005, p. 85).

Fernando Guimarães, que melhor acompanha a produção lírica nacional – no *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, em verbetes do *Dicionário de Literatura* dirigido por Jacinto do Prado Coelho (por cujos três volumes de *Actualização*, 2002-2003, sou um dos responsáveis), ou no reeditado *A Poesia Contemporânea Portuguesa* (2002) –, é um dos cultores mais conscientes, alternando formas e variando processos, a partir de um fundo cultural exigente – absorvível, por exemplo, no segmento *Mulher* (2006) –, capaz de dissonâncias que exigem a aprendizagem de um ritmo, pormenor fundamental que os novos desconhecem.

Se a carga cultural é, tantas vezes, excessiva numa poesia demonstrativa de tanto saber, Ana Hatherly é exemplo cimeiro da universidade em verso esforçado, caso de *Rilkeana* (1999), persistindo em inanes dispositivos de ocupação da página, sem esquivar soluções caligramáticas há muito em desuso. Já na soltura irónica com que se despede de arte episódica, com travos setentistas que, estranhamente, a juvenil Rita Taborda Duarte (1973) retoma, veja-se o díptico final de José Blanc de Portugal.

Tem com Fernando Guimarães muitas afinidades Fernando Echevarría, que, porém, reitera um problema, mais evidente em título como *Introdução à Poesia* (2001): como ir do mundo à poesia, dentro da elipse e da síncope, com que se rasura a tábua de referências omnipresentes na umbiguista e cosmopolita poesia lusitana? É um problema que me interessa, pois, nessa via da abstracção, o poema cintila por si, é universo autónomo, *exilado*. Eis como abre 2001: «Além do Ponto e da figura a obra / erige todo o seu poder de exílio.» (p. 7)

Dos nascidos em 1930, com Herberto Helder de pousio – de facto, com Helder Macedo, José Sebag, João Vieira e outros amigos, ele ajuda a compor o mais recente heterónimo da literatura portuguesa, Luís Garcia de Medeiros (1998) –, atentemos em Albano Martins e Eugénio Lisboa.

Quanto àquele, assoma, desde a colaboração na *Árvore*, o que designará por «imagens surpreendentes», seu alimento e processo, como diz a Álvaro Cardoso Gomes (2005, p. 20). Artista jubiloso, mau grado a polarização da morte, também na variante do silêncio, quase todo ele é sinestésico, num sensualismo epigramatizado, em cuja paisagem fazemos três cortes: um, que combina tensão erótico-verbal, de sensualidade explosiva; outro, reflexivo e avisado, com imperativos doces e bons conselhos, como se nos deparam em 1999 e 2006; enfim, a diferença sensível entre a prosa lírica – de, por exemplo, *Rodometel, Rododendro* (1988), «poema sinfónico em cinco andamentos», com estruturas de encantamento – e a diarística, ou para aí tendendo, de *A Voz do Chorinho ou os Apelos da Memória* (1987). Lembro este aspecto, por ser fruto de estada no Brasil, com redacção entre 30 de Setembro e 15 de Outubro de 1985. Mais recentemente, interessa-me a sua poesia indicativa, olhar em forma de presente, e forte sensualismo na narrativa das imagens, em *Castália e Outros Poemas* (2001). Sobressaem, igualmente, amigos e relações literárias, e textos citados, desde Martim Codax a plêiade de estrangeiros, o que nos remeteria para o intenso tradutor, de que Giacomo Leopardi, *Cantos* (2005), é derradeira entrega.

O Ilimitável Oceano (2001), de Eugénio Lisboa, apesar do título miltoniano, ainda está longe das cem páginas, limite da maior parte da nossa poesia – sendo que as tiragens se ficam pelos 300, 600, 800 exemplares, com raras excepções. Na minha vida de leitor voraz desde os cinco anos, aconteceu, todavia, passar 22 dias na cama, sem poder ler, que acabava de ser operado ao olho direito: julguei, mesmo, não poder estar em Porto Alegre, e aqui apresentar este texto. Todas as tardes, Teresa Martins Marques lia-me o jornal; depois, inteirando-se Eugénio Lisboa da minha saúde, leu-me Teresa aquele tão longo oceano cronológico, que explicou segundo artigo que já lhe dedicara (2002, p. 365-374). É um ensaio (entre prólogo e hipóteses epilogais, e respectivas conclusões) sobre a criação e eventual destruição do mundo – obra de ciência e arte, cujos «argonautas», desde os pré-socráticos ao atómico Oppenheimer, dão título a cada poema. A concentração epigramática deflagra em questões de civilização e de ética, com que ficarmos de sobreaviso. Este tipo de intervenção poética é uma raridade, longe das lições de física e de química de António Gedeão, ou das espécies zoológicas, botânicas e geológicas que encontramos no Mário Cláudio (1941) de *Dois Equinócios*.

2. Se Luiza Neto Jorge (1939-1989) é referência na obra de muitos, e Maria Teresa Horta (1937) silenciou, já Casimiro de Brito e Fiana Hasse Pais Brandão (1938-2007), a par de Gastão Cruz (1941), significam – até à contida emoção deste – as mudanças dos últimos 45 anos, entre a visibilidade daquele – presidente do PEN Clube Português – e o retiro de Fiana: a exposição excessiva e a reclusão inviolável também polarizam a nossa forma de estar, mas não, forçosamente, a relação com o verso, aforismo e introspecção em Casimiro de Brito (2001), desde 1987 procurando discutir o

taoísmo e o budismo zen enquanto propositores da busca de Unidade (*Na Via do Mestre. Uma Viagem com Lao Zi*, 2000).

Fiama, por seu turno, refaz a *Obra Breve* de 1991, acrescentando quatro livros, três dos quais pós-1996: *Epístolas e Memorandos* (1996), *Cenas Vivas* (2000), *As Fábulas* (2002). Que linhas instituir nesta vastidão? Oscilando entre textos longos de inspiração neoclássica, em que se incluem poéticas explícitas, e curtos instantes viageiros ou a partir da geografia vista do seu horto, percebe-se trânsito para a multiplicidade dos dias em que reconheço certos elementos (por sermos quase vizinhos), numa adesão emocional também contida mas crescente.

Outros nascidos na década de 30 merecem relevo, e desde logo a sintaxe particular de Pedro Tamen (1934), integral em 2001, e Manuel Alegre (1936), que combina veios tradicionais seculares e condição nacional (1998, 2001).

Manuel Simões (1933), que viveu em Veneza, tem rimas, ecos e ressonâncias felizes ao tocar a luz e cor italianas (2005), já capaz de pôr João Cabral de Melo e Neto a titular poema (1998). Sugiro um estudo sobre a presença, sobretudo, epigráfica, de autores brasileiros além-Atlântico. Cecília Meireles é das mais constantes; mas também Mário Quintana, que não melhora verso frágil em certo Horácio J. S. Lopes ([1967], 2003).

Orlando Neves (1935-2005) é desses casos em que, afastado de postos de decisão – jornalística ou editorial –, um autor vai esquecendo (e sofrendo) no cálculo alheio, mau grado produção insistente, em que um género (neste caso, a ficção) esconde o poeta, digno, sim, mas sem se elevar suficientemente. A variedade de treze livros reuniu-a o próprio em *Clamores* (2000), deixando fora insossos sonetos dedicados a Petrarca em *Nocturnidade* (1999), Prémio Literário Cidade de Almada, um dos muitos concursos que Neves ganhou regularmente, sem outro benefício que uns milhares de euros.

António Salvado (1936) reuniu 26 títulos em *Obra I, II e III*, bastante para o retirar do esquecimento beirão. Na parte final do volume III, pós-1996, tem boas variações sobre a constituição de um soneto.

No esquecimento morre José Carlos González (1937-2000), mostrando, no par final, como a vida foge.

Não marginalizado pela inteligência, mas tocado com pinças, está Alberto Pimenta (1937), cujos livros visuais ou experimentais dos anos 70 dialogam em breve súmula de 1996. Do dizer ao editar-se, conduz-se nas margens, num caos estético que dificulta a apreensão dos leitores sossegados. Reconheço-me em certos exercícios de ruptura, menos nos instantes escatológicos e fragmentação do texto-corpo, sacrílegos, mesmo, em revoadas de erudição; é da mesma ordem o excesso rabelaisiano de Manuel da Silva Ramos (1947), cujas «poesias» de 1999, em prosa e verso, se nos tornam inesperadas. Arrasador e maligno, hiperculto jogando em quebras de leitura, mais do lado iconográfico barroquizante, único verdadeiro abjeccionista, à infinidade de plaquetes de José Emílio-Nelson (1948) deu-se, enfim, antologia (2004), a que já veio somar-se nova obscenidade (2006). Perante isto, ou face à referida santíssima trindade, são cantilenas graciosas, mesmo se com soluções inesperadas e algum mau gosto provocador, os jogos de palavras e de efeitos na incensada Adília Lopes (1960), com *Obra* quase integralmente reunida em 2001.

José-Alberto Marques (1939) edita desde 1964 e também vai esquecido, passada a fase do concretismo. Resume em si, contudo, cambiantes dessas décadas (2004), propondo, em 1999, um compacto de 117 oitavas brancas e livres que nos obrigam a pensar na necessidade de uma épica actual, em moldes diversos tentada em poetas nascidos a seguir.

3. Assim, o ciclo de João Miguel Fernandes Jorge (1943) dedicado aos Açores em *Bellis Azorica* (1999) é aceno epopeico; *Quatro Caprichos* (1999) ou *Uma Fábula* (2001), de António Franco Alexandre (1944), mostrando a insuficiência do dizer em composições longas, é outro caminho; a complexidade de *Teatros do Tempo* (2001), de Manuel Gusmão (1945), multivocal, com partes explícitas da epopeia (Invocação e Dedicatória), e diálogo permanente reforçado pelo jogo de itálicos e redondos (que estende a 2004), é alternativa. O processo é mais evidente em *Dois Sóis, a Rosa* (1990). As falas insaciáveis, prosificadas, libérrimas, e toques de abjecção em Paulo da Costa Domingos (1953), conjugam-se em anti-épica.

Excepto este, aqueles são meus colegas de Faculdade. Mas amigos, como o suicida Eduardo Guerra Carneiro (1942-2004) e A. M. Pires Cabral (1943), dúcteis a saltar de género, também vingaram. Não conheci Sebastião Alba (1940-2000), pseudónimo de um atropelado, cuja família era da minha Torre de Dona Chama natal. «Deixa entrar no poema / alguns clichés.» (1999, p. 105), ensinou. Translúcido e soez, deve ser estudado quando os inéditos forem dignamente apresentados. Era outra face da literatura pátria a considerar. Mas não há tempo. Avancemos pelo inventivo Mário Cláudio de *Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga*.

Seis epitáfios, três sextextos – ou três conjuntos de seis sonetos cada – e seis cartas em 14 versos, atribuídos a três autores, compõem o núcleo de um certo Tiago Veiga, apadrinhado por Fernando Pessoa, que daquelas três «máscaras» se serve, já *alter ego* de Mário Cláudio, que é um *outro* de nome civil. Ou seja, trinta sonetos referidos a, respectivamente, Florença, Roma e Apúlia, alguns precedidos de ilustrações. É, na verdade, o regresso consistente à velha paixão italiana, comum a outros. O introdutório “Tiago Veiga”, precedido de retrato, transcreve “Crónica” estampada no semanário lisboeta *Tempo* de 18 de Agosto de 1988, de cujo suplemento Cultura eu era responsável, pelo que estive no segredo de um exercício, cujo sigilo mantive até 2000, quando noticiei essa «projecção heteronímica» em *Verso e Prosa de Novecentos* (2000, p. 358).

Prosseguindo.

Em 40 anos (1961-2001) e 11 títulos de poesia, Eduardo Guerra Carneiro organizou viagens às poéticas da tradição, desembocando num dizer familiar vigiado e sorridente, a par da geografia sentimental da «Lisboa à Cesário até ao nosso Trás-os-Montes», já acrescido de veredas da Ibéria, no último, *A Noiva das Astúrias*. Se títulos felizes – *Isto Anda Tudo Ligado* (1970), *É Assim Que se Faz a História* (1973) e *Como Quem não Quer a Coisa* (1978) – viraram senha e refrão, os seguintes mostram-no na leveza da factura, de que comunga Pires Cabral, já celebrando o Douro e comboio comuns, em ritmos soltos e narrativos, com um grãozinho barroco sob a tutela de Bosch. Acresce, a benefício deste, viver e editar em Trás-os-Montes, muito longe das nascentes da glória literária.

Outros amigos correm por fora: Teresa Balté (1942) coligiu-se em *Poesia Quase Toda* (2005), mas a última recolha é de 1990, que recenseei (2000). Fora já o caso de Natércia Freire (1919-2004), cuja *Antologia Poética* (2001) não refere composições desta década. Num gesto agradável, vários autores associaram-se para sobre esta escrever, dela escolhendo o poema preferido (2005).

José Viale Moutinho (1945), pelas suas histórias de vida e de jornalista, move-se em espaços de memória, ora sob máscaras, ora em degradação e tristeza (2001). O seu conterrâneo madeirense José Agostinho Baptista (1948), «o último romântico» (como se disse em título de 1981), reforça essa feição erradia e, elegíaco, o mal-estar quanto ao espaço originário, que os ficantes ilustram diversamente. Tenho sido um dos mais

atentos à lírica madeirense, que Giampaolo Tonini bilinguizou e assim caracterizou: «Existencialismo telúrico, insularidade: limite insuperável, mas também fonte de sonho e de grandeza humana, impulsos centrípetos e centrífugos, insatisfação do sonho irrealizado, solilóquio interrogativo e ansioso no fatal isolamento da ilha, recuperação da tradição lírica do silêncio, noção cíclica e circular do tempo e da vida» (p. 26), enquanto o amor é força identitária nessa complexa relação entre terra e mar. Morto o poeta-orador José António Gonçalves (1954-2005), principal dinamizador editorial – e que, por sugestão minha, começara a esboçar uma épica simples, ou novo destino tematizado em ilha, funcho, meada, tear (2004, p. 58) –, teme-se pela sorte de significativo conjunto de poetas esquecidos no Continente, se exceptuarmos um orbívago José Tolentino de Mendonça (1965; 2001), com assunto brasileiro em 1999. No lado açoriano, informes sobre produção recente estão em antologia organizada por Urbano Bettencourt e poetas catarinenses (2005).

Por lugares contíguos latino-americanos vai Amadeu Baptista (1953), e pela pequena casa lusitana Firmino Mendes (1949; 2000). Por sítios de Lisboa, José do Carmo Francisco (1951), cada vez menos cesárico e mais igual a si mesmo.

Se alargarmos o sentido de espaço – da geografia à frase e à memória –, e sobre ele discursarmos (ultimamente, apresentando o problema segundo fórmulas narrativas; 2001), temos a intérmina construção do poema em Nuno Júdice (1949), desde as tonalidades romântico-simbolistas assentes em alegoria e imagem associadas às estratégias metalinguísticas de Novecentos. Em verso de menor fôlego – mas alternando com prosa (1999) e ironia –, persegue Manuel António Pina (1943) o poema, ou melhor, o «escrever sem porquê» (p. 52).

Passa por estes algum Fernando Pinto do Amaral (1960), melancólico e desencantado – será o caso de Luís Quintais, embora mais interrogativo e dilacerado (1999) –, no crepúsculo das cidades e dos adeuses (apesar dos instantes luminosos), com a particularidade de um tu amoroso (que também pode ser remissão literária), ainda abordado por Maria do Rosário Pedreira (1959) e Jorge Gomes Miranda (1965), ou, já distanciadamente, pela geração dos novos, de que são exemplo os sucintos “O Amor” e “Poema de Amor” de Pedro Mexia (2001, p. 23, 75): «O amor não vem na lista telefónica.»; «Alprazolam, domipramina, noradrenalina, / monoamina, serotonina, fluexitina.» Quanto à heteroerótica, rara, ao luxo da oposição fogo-água e à força do desejo, recomendo Maria Aurora Carvalho Homem (1939): «Despe-me devagar / até doer a espera.» (2003, p. 6)

Jaime Rocha (1949), pseudónimo de Rui Ferreira e Sousa, fez sempre associações díspares, resultando em estranhas visões acrescidas, ultimamente, de crueldade corporal, corpo que Jorge Sousa Braga pormenoriza com olhar clínico. Aquele modo de sobreposição oblíqua de um e outro real em Jaime Rocha convoca Joaquim Manuel Magalhães (1945), com aco295585(m)-2.4(l)-2.16436.2659(a)3.o2955856 0 Td [(l)/-2.16436.26(a)3.12.16

III, *O Problema*, de *As Estações* (1996) (2004), p. 236]: «Não saber o que escrever é o que faz escrever-se / em cada oportunidade da hora, do dia, da estação. / Não saber é o único possível saber para quem / deseja alcançar o periclitante saber. Tudo o mais / é ou convenção ou ideologia.» (p. 302) Há várias consequências a tirar, desde a definição de trabalho – e, logo, de mesa de trabalho, ou trabalho poético – à de poeta: «mas para quê chamar ainda poeta a um homem / que escreve? [...]» A poesia seria, em conformidade, «linguagem do impoder / em oposição à linguagem do domínio, do saber e do poder» (p. 310).

4. O poeta português mais discreto (e generoso) desta geração, a ponto de até editar sem nome e recusar prémios, é Fernando Guerreiro (1950), único em quem a reflexão é sobre poética, vista na relação sublime-gótico-grotesco. Cada esboço ensaístico (“O Fim da Literatura”, título maiúsculo [1997] à volta do «equivoco do que se designa por Literatura», desagua neste verso: «O afogamento da paisagem não evita, na tela, que o rio siga o seu curso.» [p. 29]) é, de preferência, sobre a pintura, ou sobre as imagens com que se apreende o silêncio, para o glosarmos, podendo estas ser, no início, *coisas* (objectos) que se vão possuindo à medida que as conquistamos.

Os coetâneos, que também se estreiam nos anos 70, trazem outras propostas. Assim Vergílio Alberto Vieira (1950; 2006), levando a um extremo *oriental* a rarefacção sob império da metáfora, em ‘fulgurações’ maioritariamente triádicas (seria preciso ver a relação entre 1, 2, 3 versos; ou 2, 1, 3 versos; ou 3 versos), entre dísticos sábios de cavalos de fogo, a caligrafia da terra e dos meses, «a adivinhação pela água» e a leveza aérea de gregos e outros avós tutelares, cujas artes poéticas o também ensaísta enquadra.

Experimenta-se em formas fixas, como o soneto, que Luís Filipe Castro Mendes (1950) pratica com sorte desigual em 2001, onde interessa o conjunto referido ao Brasil. Ainda espaçando as palavras do verso, Manuela Parreira da Silva (1950) oferece a melhor e já rara prosa poética.

Talvez o mais fecundo e metafórico, distribuindo-se, como Ramos Rosa, por várias editoras, José Jorge Letria (1951) mostra as cicatrizes da vida e do tempo (2001), apoiando-se, por outro lado, no pretexto aniversarial, em autores que já vêm na portada: Cesário, Nobre, Wenceslau de Moraes, Pessoa... Em *Manuscritos do Mar Vivo* (2000), se é ainda o jogo dos títulos e a paixão das ondas cascaenses originárias, percebe-se tristeza fluindo nessa «agonia do Verão» (p. 33) pavesiano e criador. O seu amigo José Fanha (1951), quando troca letras por poemas, consegue instantes singulares. Veja-se “Bashô conversando com Piet Mondrian”: «A borboleta pousa / na quadrícula do vento desenhada / em sete sílabas.» (1999, p. 78)

José Guardado Moreira (1952), breve e intenso, é umas das grandes surpresas, e quase desconhecido, apesar de crítico encartado. Precederam *Antes do Mundo* (2002) e *O Jardim Perfeito* (2005) 93 composições em cinco títulos simples: *Os Primeiros Anos* (1990), *Ouro* (1993), *Profecia e Fulgor*, ambos de 1996, *Epopéia* (1999). É um verso solar, em nome da luz, com que inaugura “Segredo” de 1990, já confiado no olhar descritivo em presente verbal, mas, sobretudo, no imperativo com que fecha instantes de fábula existencial: «Confia, não procures.» A descrição é mínima e pontilhada – não tem recordações, «só pressentimentos» (1990, p. 33) –, qual grão de familiaridade que nos envolve em imagens surpreendentes; o desfecho moral fará curso até hoje. Confessou-me não conhecer Jean Follain (1903-1971), cujos *Exister* (1947) e *Territoires* (1953) se agregaram na Gallimard (1969): a retórica da minúcia é semelhante, embora directa ao cerne *de ser*, não propriamente *do ser* («Tudo é sem existir», 2002, p. 66), essencialismo que poderia orientar a interpretação. “O primeiro som” de 2002 evoca 1990: «Não escutes, sente.» Esta estrutura, de longínqua alusão

popular («Quem crê nunca desperta» traz-me «Quem espera sempre alcança»), forma um rosto *mental* – adjectivo estratégico – a caminho do *fiat lux*: entre sinais do pretérito, da duração em gerúndio, enumerações e descritivo, imperativos de aviso, o que se modula, de facto, é o universo da luz saturado em fogo, brilho, clarão, reflexo, estrelas, pavio, chama, aurora, magma, sol, celeste, sideral, boreal, etc., e seus brilhos em jóia, pólen, leite... Cada um destes vocábulos é título e concentração, num regime de trama ou núcleo interno muito antigo, pois «Tudo é vibrátil e luminoso» (p. 41).

Meu contemporâneo, mesmo, é José António Gomes (1956), que, escondido em João Pedro Mésseder, transporta a criatividade da sua obra para a infância e analisa palavras, em achados notáveis e sucintos de sensibilidade.

5. Ao fechar, em 2001, o material para a *Actualização do Dicionário de Literatura*, decidi que os autores portugueses mais novos com lugar nesse espaço canónico seriam Paulo Teixeira e Francisco José Viegas, nascidos em 1962. Teriam quarenta e um anos de idade na data de publicação do terceiro volume. Mais ficcionista este, aquele envolve-se com figuras da cultura, que expande, ou torna-se mais terra a terra a espaços, em estrofação regular (2001).

Falhei uma poetisa (agora, preferem dizer uma poeta) também nada em 1962, de quem só lera homenagem à mãe morta (2001), que não sabia antologada no Brasil, e que Teresa Martins Marques me apresentou, em pessoa, e recitando-me a excepcional leitura, em edição português-castelhano (este a cargo de Floriano Martins), de *Nós / Nudos*, sobre 25 quadros da pintora luso-britânica Paula Rego. Como eu não via o motivo inspirador, mas um universo linguístico autónomo, que, homologando demasias, não obedecia a um certo grotesco do artefacto em Paula Rego, fácil era perceber quanto havia de distintivo, já não *sobre* um motivo, mas ao lado, paralelo, mesmo *contra*. Bem diz Teresa, num ensaio matricial (2004-2005, p. 89-96), que não há igual na sua geração.

Dos novos turcos, alguns constam de Fernando Guimarães (2002), que esquece os seguintes (por ordem do primeiro nome), cujos títulos não listo: Carlos Luís Bessa, José Luís Peixoto (1974), José Mário Silva (1972), Manuel de Freitas (1972), Paulo Moreiras (1969), Pedro Ludgero (1972), Pedro Sena-Lino (1977), Rita Tabora Duarte, Ruy Ventura (1973). Idêntica selecção fez Guimarães no verbete “Contemporâneos” do *Dicionário de Literatura* (I, 2002, p. 241-243), ao qual acrescentei larga bibliografia passiva.

No sábado em que isto escrevo, o semanário *Expresso* (19-VIII-2006) recenseia Manuel de Freitas (crítico do jornal) e Pedro Sena-Lino, além dos que não conheço: José Miguel Silva, Maria Teresa Duarte Martinho, Vítor Nogueira; vinda de longe, reaparece Eduarda Chioite.

Sei de outros pós-1996 que passei em branco: Ana Luísa Amaral, José Bento, Vasco Graça Moura, por exemplo. Deixei muitos de lado, apesar de lidos.

Um aprendiz que folheasse os mais de cem títulos indicados ficaria perturbado, tal a variedade. E não vira muitas formas complexas e subvertidas, uma teoria do ritmo e arte da rima, que vêm falecendo à poesia portuguesa.

A experiência do poema é a *sua* realidade. Isso penso há 35 anos. Mas continuo no meio do caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBA, Sebastião. **A Noite Dividida**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.
ALEGRE, Manuel. **Senhora das Tempestades**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
_____. **Livro do Português Errante**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.
ALEXANDRE, António Franco. **Quatro Caprichos**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

- _____. **Uma Fábula**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- AMARAL, Fernando Pinto do. **Poesia Reunida**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.2000.
- _____. **Pena Suspensa**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.
- AMARO, Luís. **Diário Íntimo**. Lisboa: & etc. 2006.
- _____. **Árvore. Folhas de Poesia**. Edição fac-similada. Introdução e índice de Luís Adriano Carlos. Porto: Campo das Letras, 2003.
- BALTÉ, Teresa. **Poesia Quase Toda**. Porto: Edições Asa, 2005.
- BAPTISTA, Amadeu. **Arte do Regresso**. Porto: Campo das Letras, 1999.
- BAPTISTA, José Agostinho. **Biografia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- BRAGA, Jorge Sousa. **A Ferida Aberta**. Lisboa: Assírio & Alvim,2001.
- BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. **Obra Breve. Poesia Reunida**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- BRITO, Casimiro de. **Na Via do Mestre. Uma Viagem com Lao Zi**. Guimarães: Pedra Formosa. 2000.
- _____. **Da Frágil Sabedoria**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2001
- CABRAL, A. M. Pires. **Como Se Bosch Tivesse Enlouquecido**. Mirandela: João Azevedo Editor. 2003.
- _____. **Douro: Pizzicato e Chula**. Lisboa: Edições Cotovia.2004.
- _____. **Que Comboio É Este**. Vila Real: Teatro de Vila Real, 2005.
- Cadernos de Poesia**. Reprodução fac-similada dirigida por Luís Adriano Carlos / Joana Matos Frias. Porto:Campo das Letras, 2004.
- Caminhos do Mar: Antologia Poética Açoriano-Catarinense**. Org. de Lauro Junkes, Osmar Pisani, Urbani Bettencourt. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras/Fundação Aníbal Nunes Pires, 2005.
- CARNEIRO, Edgar. **Antologia Poética**. Espinho: Livramar-Livraria / Galeria de Arte e a Elefante Editores. 1998.
- _____. **A Boca na Fonte**. Lisboa: & etc.1999.
- _____. **Depois de Amanhã**. Porto: Campo das Letras, 2003
- CARNEIRO, Eduardo Guerra. **A Noiva das Astúrias**. Lisboa: & etc., 2001
- CLÁUDIO, Mário. **Dois Equinócios**. Porto: Campo das Letras,1996
- _____. **Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga**. Porto: Edições Asa, 2005
- DOMINGOS, Paulo da Costa. **Gogh, Uma Orelha sem Mestre**. Lisboa: Frenesi. 2005. *Asfalto*. Lisboa: Frenesi, 2004
- DUARTE, Rita Taborda. **Poética Breve**. Lisboa: Black Sun Editores, 1998.
- _____. **Na Estranha Casa de Um Outro (Esboço de Uma Biografia Poética)**. Porto: Edições Asa, 2005
- EMÍLIO-NELSON, José. **A Alegria do Mal. Obra Poética I. 1979-2004**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2004.
- _____. **Pickelporno**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2006.
- ECHEVARRÍA, Fernando. **Introdução à Poesia**. Porto: Edições Afrontamento,2001.
- FANHA, José. **Elogio dos Peixes, das Pedras e dos Simples**. Porto: Campo das Letras, 1999.
- FREIRE, Natércia. **Antologia Poética**. Lisboa: assírio & Alvim. 2001.
- _____. **O Livro de Natércia**. Ed. de Alexandre Nave, José Félix Duque e Pedro Sena-Lino. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2005.
- GASTÃO, Ana Marques. **Terra sem Mãe**. Lisboa: Gótica, 2001
- _____. **Nós / Nudos**. Lisboa: Gótica,2004.
- GOMES, Álvaro Cardoso. **A Melodia do Silêncio. Subsídios para o Estudo da Poesia de Albano Martins**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2005.
- GONÇALVES, José António. **As Sombras no Arvoredo**. Funchal: Pilar de Blanger, 2004.
- GONZÁLEZ, José Carlos. **Biofania**. Leiria: Editorial Diferença, 1996.
- _____. **No Alambique Escondido**. Leiria: Editorial Diferença, 1996.
- GUERREIRO. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Black Sun Editores, 1997.
- _____. **Gótico**. Lisboa: Black Sun Editores, 1999.
- GUIMARÃES, Fernando. **A Poesia Portuguesa Contemporânea. Do Final dos Anos 50 aos Anos 90**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2002.
- _____. **Mulher**. Selecção de Maria de Lourdes Guimarães. Porto: Edições Asa, 2005.

GUISADO, Alfredo. **Tempo de Orfeu**. Edição de António Apolinário Lourenço. Coimbra: Angelus Novus, 2003.

GUSMÃO. **Teatros do Tempo**. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

_____. **Migrações do Fogo**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004

HOMEM, Maria Aurora Carvalho. **12 Textos de Desejo**. Funchal: Livros de Cordel, 2003.

_____. **Antes Que a Noite Caia**. Vila Nova de Gaia: Editora Ausência, 2005.

JORGE, João Miguel Fernandes. . **Bellis Azorica**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

JÚDICE, Nuno. **Poesia Reunida (1967-2000)**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

_____. **Cartografia de Emoções**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

HARHERLY, Ana. **Rilkeana**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

LETRIA, José Jorge. **Manuscritos do Mar Vivo**. Porto: Granito, 2000.

_____. **O Livro Branco da Melancolia**. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

LOPES, Adília. **Obra** 2001

LOPES, Horácio J. S. Lopes. **Diz-me**. Lisboa: Edições Nova Ática, 2003.

LISBOA, Eugénio. **O Ilimitável Oceano**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2001.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. **Alta Noite em Alta Fraga**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001

MARQUES, José-Alberto. **Padrões**. Constância: Câmara Municipal, 1999.

_____. **Hiperlíricas**. Porto: Campo das Letras, 2004.

MARQUES, Teresa Martins. **Leituras Poliédricas**. Lisboa: Universitária Editora, 2002

_____. "A treva no calor do dia [...]". **Mealibra**, série 3, n.º 15, Inverno 2004-2005. Viana do Castelo.

MARTINHO, Fernando J. B. **Sema**, 2. Lisboa, 1979

MARTINS, Albano. **A Voz do Chorinho ou os Apelos da Memória**. Lisboa: Editorial Caminho, 1987.

_____. **Rodamel, Rododendro**. Lisboa: Edições Quetzal, 1988.

_____. **Escrito a Vermelho**. Porto: Campo das Letras, 1999.

_____. **Castália e Outros Poemas**. Porto: Campo das Letras, 2001.

_____. **Palinódias, Palimpsestos**. Porto: Campo das Letras, 2006.

MEDEIROS, Luís Garcia de. **Noites**. Lisboa: & etc, 1998.

MENDES, Firmino. **A Terra e os Dias**. Guimarães: Pedra Formosa, 2000.

MENDES, Luís Filipe Castro. **Os Dias Inventados**. Lisboa: Gótica, 2001.

MENDONÇA, José Tolentino de. **Baldios**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

_____. **De Igual para Igual**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001

MÉSSEDER, João Pedro. **Ordem Alfabética**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2000.

MEXIA, Pedro. **Avalanche**. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2001.

MIRANDA, Jorge Gomes. **Portadas Abertas**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

MOREIRA, José Guardado. **Antes do Mundo**. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul, 2002.

_____. **O Jardim Perfeito**. Coimbra/Castelo Branco: Alma Azul, 2005.

MOUTINHO, José Viale. **Poemas Tristes**. Funchal: Livros de Cordel, 2001

NEVES, Orlando. **Nocturnidade**. Porto: Campo das Letras, 1999.

_____. **Clamores (1987-1999)**. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

PEDREIRA, Maria do Rosário. **O Canto do Vento nos Ciprestes**. Lisboa: Gótica, 2001.

PIMENTA, Alberto. *A Sombra do Frio na Parede*. Porto: Edições Mortas, 1996.

PINA, Manuel António. **Nenhuma Palavra e Nenhuma Lembrança**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

PORTUGAL, José Blanc. **Quaresma Abreviada**. Lisboa: Black Sun Editores, 1997.

_____. **Estrofes**. Lisboa: Black Sun Editores, 1999.

QUINTAIS, Luís. **Lamento**. Lisboa: Edições Cotovia, 1999

RAMOS, Manuel da Silva. **O Tanatoperador**. Lisboa: Fenda, 1999.

ROCHA, Jaime. **Os Que Vão Morrer**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

_____. **Zona de Caça**. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

_____. **Lacrimatória**. Lisboa: relógio d'Água, 2005.

RODRIGUES, Ernesto. **Verso e Prosa de Novecentos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

ROSA, António Ramos. **A Parede Azul**. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

- _____. **Pátria Soberana seguido de Nova Ficção.** Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 1999.
- _____. **O Aprendiz Secreto.** Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi, 2001.a
- _____. **As Palavras.** Porto: Campo das Letras.2001.b
- _____. **Deambulações Oblíquas.** Lisboa: Quetzal Editores, 2001.c
- _____. **Nascente Submersa.** Funchal: Livros de Cordel, 2002
- SAA, Mário. **Poesia e Alguma Prosa.** Ed. de João Rui de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.
- SALVADO, António. **Obra III.** Coimbra: A Mar Arte, 1999.
- SENA, Jorge de, org.. **Líricas Portuguesas, 3.ª série.** Lisboa: Portugália Editora, 1958.
- SILVA, Manuel Parreira da. **O Álbum de Vishnu.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- SIMÕES, Manuel.**Errâncias.** Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- _____. **Micromundos.** Lisboa: Edições Colibri, 2005.
- SOUSA, João Rui de. **Obra Poética. 1960-2000.**Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002
- _____. **Lavra e Pousio.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.
- TAMEN, Pedro. **Retábulo das Matérias (1956-2001).** Lisboa: Gótica, 2001
- TEIXEIRA, Paulo. **Autobiografia Cautelar.** Lisboa: Gótica, 2001.
- TONINI, Giampaolo. **Poeti Contemporani dell’Isola di Madera.** Venezia: Centro Internazionale della Grafica di Venezia, 2001
- VIANA, António Manuel Couto. **O Velho de Novo.** Porto: Edições Caixotim, 2004.
- VIEIRA, Vergílio Alberto. **Papéis de Fumar.** Porto: Campo das Letras, 2006.

Apêndice

Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (para obras de 1996 a 2006):

- 1996. Fiama Hasse Pais Brandão, *Epístolas e Memorandos*.
- 1997. Manuel Alegre, *Senhora das Tempestades*.
- 1998. Vasco Graça Moura, *Uma Carta no Inverno*.
- 1999. António Franco Alexandre, *Quatro Caprichos*.
- 2000. Fiama Hasse Pais Brandão, *Cenas Vivas*.
- 2001. Manuel Gusmão, *Teatros do Tempo*.
- 2002. Gastão Cruz, *Rua de Portugal*.
- 2003. Manuel António Pina, *Os Livros*.
- 2004. José Agostinho Baptista, *Esta Voz É Quase o Vento*.
- 2005. António Ramos Rosa, *Génese*.
- 2006. Fernando Guimarães, *Na Voz de Um Nome*.

Prémios PEN Clube / Poesia (1996-2006):

- 1996. Manuel Gusmão, *Mapas o Assombro a Sombra*.
- 1997. Casimiro de Brito, *Opus Affetuoso seguido de Última Núpcia*.
- 1998. Fernando Echevarría, *Geórgicas*.
- 1999. Ana Harherly, *Rilkeana*; Fernando Guerreiro, *Gótica*.
- 2000. Fiama Hasse Pais Brandão, *Cenas Vivas*; Pedro Tamen, *Memória Indescritível*.
- 2001. Eugénio de Andrade, *Os Sulcos da Sede*.
- 2002. João Rui de Sousa, *Obra Poética (1960-2000)*.
- 2003. João Miguel Fernandes Jorge, *Jardim das Amoreiras*; José Agostinho Baptista, *Anjos Caídos*.
- 2004. Ana Marques Gastão, *Nós / Nudos*; Luís Quintais, *Duelo*.
- 2005. António Ramos Rosa, *Génese*.
- 2006. Gastão Cruz, *A Moeda do Tempo*.

Prémio Dom Diniz / Casa Mateus (poetas distinguidos entre 1996-2006):

- 1996. Fiama Hasse Pais Brandão, *Epístolas e Memorandos*.
- 2000. Gastão Cruz, *Crateras*.
- 2002. António Franco Alexandre, *Duende*.
- 2004. Manuel Gusmão, *Migrações de Fogo*.
- 2006. A. M. Pires Cabral, *Douro: Pizzicato e Chula*.